

A TRAGÉDIA DE ANTÍGONA SOB A ÓTICA DE GÊNERO

Jeane Félix da SILVA¹

Este texto tem por objetivo fazer uma interpretação da peça *Antígona*, de Sófocles, visando, a partir da reflexão sobre o papel da mulher na tragédia grega, uma análise do dilema moral proposto no texto, enfatizando o agir da mulher numa sociedade extremamente machista.

A proposta aqui, não é a de analisar a tragédia grega segundo a perspectiva tradicional de Aristóteles, e sim, uma análise a partir da ótica de gênero, ou seja, o estudo do comportamento de *Antígona* à luz do Feminismo Histórico. Embora o texto seja um clássico, o estudo do comportamento, arrojado e desafiador, de *Antígona*, será observado com o olhar de uma mulher do século XXI numa aproximação temporal que é possível pela atualidade da peça de Sófocles.

Após a morte de Édipo Rei, suas filhas, *Antígona* e *Ismene* retornaram à cidade de Tebas onde os irmãos *Etéocles* e *Polinices* disputavam o trono. O acordo político feito entre os dois irmãos definia que eles se revezariam no poder por períodos de um ano. *Etéocles* seria o governante no primeiro ano e *Polinices* no segundo, e assim sucessivamente. Após o período de um ano, o acordo de revezamento entre os irmãos não aconteceu, pois *Etéocles* não cumpriu sua parte no acordo e não passou o governo às mãos do irmão. *Etéocles* e *Polinices* terminam mortos, um pela mão do outro.

Tebas, passa então, a ser governada por *Creonte*, que determina: para *Etéocles* um funeral com todas as homenagens cabíveis a um ex-governante tebano, visto que ele morreu *lutando* por sua cidade; e para *Polinices*, que era considerado um traidor, condenou-o a não ser sepultado, prometendo a morte a quem o enterrasse e desobedecesse assim, a lei dos homens**. *Antígona*, desrespeitando essa lei, enterra o irmão *traidor*, sem a ajuda da irmã *Ismene*. Para Leiria (2003, p. 2) “cria-se, dessa maneira, um conflito existencial entre as irmãs *Antígona* e *Ismene*, pois *Antígona* defende que a lei dos deuses deve prevalecer (lei do *óikos*) e *Ismene* crê que a lei dos homens (lei da *polis*) pode sobrepor-se a dos deuses”. *Antígona* resolveu enterrar o irmão, mesmo que para isso pagasse com a própria vida. *Hêmon*, noivo de *Antígona* e filho de *Creonte*, decidiu suicidar-se em frente ao túmulo da noiva, que fora condenada pelo tirano *Creonte* a ser enterrada viva. *Eurídice*, mãe de *Hêmon* e mulher de *Creonte*, também decidiu pelo suicídio após a morte do filho.

Qual o conflito moral e ético que se desenrola nesta história? No texto de *Antígona*, o grande conflito moral, a meu ver, é saber se *Antígona* agiu moralmente correto quando enterrou seu irmão mesmo, contra as leis da *polis*, ou não. Um outro conflito que podemos notar neste

¹ Mestre em Educação

texto é o conflito entre o poder de Creonte (homem) desafiado e descumprido por Antígona (mulher). De acordo com Pires:

O conflito e o sofrimento são administrados pela regulação de uma ética trágica, na qual a morte não é estranha à vida, mas faz parte dela. A razão entra em cena para ofertar à narrativa mítica a logicidade histórica, explicitada no cumprimento da predestinação (PIRES, 2003, p.1).

A razão e a lógica, assim como o conflito e o sofrimento, são os pontos importantes de se destacar no texto de Sófocles, visto que, estas categorias permeiam todo o texto do início ao fim.

A prevalecência da lei dos homens sobre a lei dos deuses (Leiria, 2003) é o dilema moral que perpassa toda a peça, e, sobretudo, como uma mulher teve a coragem de questionar a ordem imposta pelo governante. Para Leiria (2003, p.2) “trata-se de um relato que mostra a coragem e luta da figura feminina de Antígona”.

As figuras femininas da peça são: Antígona e Ismene. Uma representa o comportamento permitido às mulheres na época, baseado na obediência e na submissão, e a outra, representa uma ruptura deste modelo, contrariando as normas e obedecendo aquilo que entendia como o mais correto. Enquanto Antígona representa à transgressão às características socialmente valorizadas (e atribuídas) nas mulheres (*características femininas*), Ismene é a representação destas. O comportamento submisso de Ismene é percebido na peça quando ela fala para Antígona:

– temos que lembrar, primeiro, que nascemos mulheres, não podemos competir com os homens; segundo, que somos todos dominados pelos que detêm a força e temos que obedecer as leis, não apenas isso, mas em coisas bem mais humilhantes (SÓFOCLES, 2002, p.8).

Para Leiria (2003, p. 4): “Ismene, irmã de Antígona, é apresentada como um ser racional, que atribuiu ao destino o fato que ocorreu”. Não concordo com esta autora quando ela faz essa afirmação, visto que a racionalidade não atribui ao destino à causa das coisas, pois ela é entendida como capacidade reflexiva do ser humano. Racional, a meu ver, foi Antígona, que obedeceu à sua razão refletindo, inclusive, sobre o direito a igualdade entre os seus irmãos. Antígona representa a consciência individual que se sobrepõe ao Estado, ou seja, ela é uma mulher que desafia as leis do seu tempo em detrimento a uma lei que ela considerava de maior intensidade, que era a lei dos deuses. O direito que seu irmão tinha de ser enterrado, era, para ela, superior a qualquer ordem.

Antígona foi audaciosa e astuciosa, e por isto, pagou com a própria vida, e mesmo sabendo que este era um risco possível de acontecer, sua coragem foi demasiado grande, fazendo-a superar o medo. Para Pires (2003, p. 6), “Antígona está na plenitude de sua lucidez, pois sempre soube que sua escolha rebelde produziria ações públicas”.

Antígona era considerada, portanto, uma mulher transgressora das leis e por isso, precisava ser punida. Isso está bem presente no discurso de Creonte: “– É evidente que sou mais homem, e ela o homem se eu deixar impune a petulância” (SÓFOCLES, p. 22). Antígona transgride a ordem imposta pelo tirano obedecendo ao seu desejo de justiça entre os irmãos. De acordo com Pires,

a forma como Antígona desafia as leis de Tebas, na fala de Sófocles, é a mostra das antinomias entre leis que se enfrentem no imaginário dos sujeitos-personagens. Enterrar o irmão, contrariando Creonte, e obedecer o próprio sentimento de fraternidade [...] faz de Antígona uma figura de rara tenacidade e convicção (PIRES, 2003, p. 2).

Um outro ponto importante que merece destaque é o fato de Antígona não querer agir escondido, como é aconselhada pela irmã, mostrando de forma muito clara que a injustiça não deve ser calada. Antígona representava a petulância, a ousadia, a coragem, o desafio e a transgressão, papéis tradicionalmente relacionados a indivíduos do sexo masculino.

Para a época, uma mulher que tinha a coragem de transgredir as ordens era considerada louca, e a loucura, neste caso, foi vista como justificativa dos comportamentos de Antígona (mulher), caracterizando-a mais uma vez como um ser inferior, pois sendo louca não podia agir com prudência e consciência.

O dilema moral apresentado no texto de Antígona não era só dela, mas de toda a sociedade da sua época, só que as pessoas que conviviam com ela, mesmo concordando com sua ação, não eram dotados/as da coragem dela para enfrentar os medos e as imposições. Os dilemas morais não pertencem ao indivíduo isoladamente, mas a todos os indivíduos coletivamente. Segundo Freitag,

A questão da moralidade não seria , pois, o problema de um indivíduo, um partido ou uma sociedade, como não seria privativa da filosofia ou de uma ciência particular. A questão da moralidade seria a questão de todos e de cada um. Seria a questão central da vida em sociedade e indissociável de um projeto racional, justo e democrático para a humanidade, em todas as suas manifestações históricas presentes e futuras (FREITAG, 2002, p. 287).

Isto posto, não consigo conceber o texto de Sófocles sem fazer uma aproximação temporal com a atualidade. Os comportamentos das personagens femininas de seu texto continuam representando os comportamentos de diversas mulheres. Sem dúvidas, existem hoje no mundo muitas Antígonas e muitas Ismenes, e existem também, infelizmente, muitos Creontes. Nas palavras de Pires,

A possibilidade da tragédia grega, narrada por Sófocles, se amplia e se atualiza quando refletimos sobre o emaranhado normativo que controla os sujeitos e o exercício de suas subjetividade. Tomamos a compreensão da razão ética como o pressuposto do equilíbrio de qualquer ação em que a razão se sinta desafiada (PIRES, 2003, p.8).

Se referindo a loucura no texto de Antígona, diz Leiria (2003, p. 5) “A peça frisa a questão da loucura [...] no momento em que [Antígona] vai defender o sepultamento do irmão e a justiça deste sepultamento é entendida como cometendo uma loucura, mulher louca aquela que busca um direito, defende uma idéia”. A loucura é compreendida como sendo um comportamento feminino, comportamento de mulher.

Quando Antígona luta pelo que acredita ser o mais importante ela representa a possibilidade de mudança. Este comportamento subversivo de Antígona, analisado a partir da ótica de gênero, ou seja, à luz do feminismo histórico, representa o rompimento às amarras de submissão e silenciamento impostos às mulheres ao longo dos anos. Olhar Antígona, focalizando nela mais do que a mulher que segue a lei do *oikos*, é olhar para as mulheres contemporâneas, que vêm historicamente lutando para conquistar espaços onde aconteçam à equidade de gênero.

Que as Ismenes do mundo real sejam compreendidas enquanto reprodutoras de uma estrutura social e cultural bem montada e que não sejam responsabilizadas por isso. Mas, que as Antígonas atuais sejam reconhecidas e que suas lutas *individuais* tornem-se lutas coletivas. Que possamos agir com coragem, com audácia, com *loucura racional*, se assim podemos dizer. Que não sejamos mais sufocadas nas cavernas do medo e da repressão, assim como Antígona foi sufocada numa caverna por desobedecer às leis do seu governante.

O texto em análise, mostra de uma forma bastante contundente que ceder não é se reprimir, ouvir e respeitar a idéia alheia não nos faz inferiores, e que não existe *verdade absoluta* e sim, *verdades flexíveis*. Para Leiria (2003, p. 7) “também invoca a idéia de que através do sofrimento é que aprendemos”.

Que a racionalidade nos sirva muito mais para sermos felizes do que para satisfazer as *vontades imutáveis* da sociedade. Respeitemos as Ismenes, mas, contemplemos as Antígonas!

REFERÊNCIAS:

CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Corpo, educação e cidadania: o protesto de Antígona. In CARVALHO, Maria Eulina P. de e PEREIRA, Maria Zuleide da C. (orgs). **Gênero e educação: múltiplas faces**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003. 137-147p.

FREITAG, Barbara. **Itinerários de Antígona: a questão da moralidade**. Campinas, SP: Papyrus, 2002. 308p.

LEIRIA, Cláudia E. Pereira. **Uma interpretação feminina da peça Antígona de Sófocles.** Disponível em <<http://www.asmulhereseafilisofia.hpg.ig.com.br/Artigos/antigona.htm>> Acesso em: 26/11/2003.

PIRES, Cecília. **Antígona: Hermenêutica do Público e do Privado.** Disponível em <<http://www.dialética-brasil.org.br>> Acesso em: 26/11/2003.

SÓFOCLES. **Antígona.** Trad. Millor Fernandes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 56p.